

A UNIVERSIDADE DOS AÇORES – UMA AURORA SEM CREPÚSCULO?

ANTÓNIO MACHADO PIRES
REITOR DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES (1983-1995)

1. *Sicut aurora* – a ideia de uma universidade nos Açores pulsou na geração que beneficiou das mudanças sociais e políticas supervenientes ao 25 de Abril. Só uma mudança profunda – com o bom e mau inerentes – podia fazer pensar possíveis nos Açores uma universidade e um governo autónomo. Uma espécie de salto na história, um abrir do pano para uma peça que se não encenou, um rasgo para o desconhecido, um soltar de aspirações recalçadas. Foi assim com a universidade, primeiro prudentemente apenas instituto universitário, criada por decreto mesmo antes de haver autonomia consagrada num governo oficial da Região. Uma em Janeiro de 1976, o outro em Setembro do mesmo ano. Com PREC, com agitações sociais no Continente e nas Ilhas, com suspeições marxistas e anti-marxistas, mas fez-se.

Contrariamente a uma lógica morna de senso comum, uma universidade em ilhas distantes como estas não é só para pensar cientificamente o progresso, para criar quadros ou servir de auxiliar sustentáculo à autonomia. Uma universidade é ou deve ser sempre uma universidade, onde quer que ela se encontre. Há que preparar o meio para implantá-la, “forçá-lo” a aceitá-la, criar dimensão na dimensão que exista. Com uma universidade há sempre que pensar não só *para dentro*, mas *pensar para fora*. Pensar para fora obriga a ver o que a ciência faz no mundo e a aceitar a existência de outros tipos de sociedade. Mais vale assim – ou nada. O que pode ser feito, deve ser bem feito.

Um discurso histórico e reflexivo sobre a Universidade dos Açores obriga não só ao conhecimento dos factos, ao curso dos acontecimentos, mas a um outro curso subjacente e implícito da mentalidade dos construtores da universidade e dos seus destinatários.

Não há aqui tempo para tentar contribuir para uma História *profunda* da Universidade dos Açores. Mas há que testemunhar factos e fases sem perder-lhe o significado. O resto faz o Tempo. De uma aurora que não venha a ter crepúsculo, pois a ciência renova-se, tem um carácter de pedir sempre mais

uma última palavra. Max Planck falava no lugar do saber penúltimo. A Ciência é messiânica, em cada descoberta anuncia sempre que vem mais... A Ciência é geradora de Cultura e esta obriga a prestar atenção àquela. Assim, por muitos que sejam os objectivos de desenvolvimento e de progresso, o resultado *primeiro* da fundação de uma universidade deve ser o de elevar o nível cultural e intelectual. O resto pode dizer-se que vem por si. Como veio, e nem todos deram por isso. A Universidade, como o tal lugar do saber penúltimo de que falava Max Planck, renova-se por causa da investigação e por causa do ensino, que estão sempre a cruzar-se. A investigação não só “serve” projectos, mas cria novas abordagens em aulas, novas aulas e novas cadeiras. A transmissão de saber não é pura transmissão de conteúdos definitivos, mas de um saber disponível e actualizável.

A Universidade dos Açores – toda e qualquer universidade – é, afinal, uma aurora...

E o que se quis para os Açores não foi só Ensino Superior, mas Ensino Superior Universitário.

2. Escrevi para a *História dos Açores. Do Descobrimento ao Século XX* (I.A.C., Angra do Heroísmo, 2008, pp. 611-644) um capítulo sobre a Universidade dos Açores, que intitulei “A Universidade e a promoção de uma cultura universitária nos Açores”. O título chama a atenção para o objectivo fundamental de se criar uma cultura universitária: o de ter em conta não só a criação de quadros, técnicos ou de ensino, não só a investigação aplicada com efeitos imediatamente úteis, mas uma atmosfera, uma atitude crítica, uma abertura de espírito e um desenvolvimento de curiosidades que elevassem o nível cultural e intelectual dos estudantes e do meio. Uma instituição de credibilidade nacional que permitisse uma verdadeira circulação.

Não sou historiador no sentido estrito do termo. O meu testemunho é sobretudo a experiência que vivi. É resultante de ter sido assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, de ter vindo leccionar na Universidade dos Açores, de ter sido vice-reitor do então Reitor Prof. Doutor José Enes e de ter sido Reitor entre 1983 e 1995. Em Novembro de 1990 era *instalada* a Universidade (tinha antes um regime de instalação), discutiram-se os Estatutos (aprovados em Novembro desse ano) e procedeu-se à eleição do Reitor, como mandava a Lei da Autonomia Universitária (de 1988). Para pormenores e etapas percorridas, consulte-se o meu citado artigo.

Nesse artigo também se analisa o valor expressivo e simbólico que tem a divisa *Sicut Aurora Scientia Lucet* (à letra “assim como uma aurora a ciência brilha”), proposta por José Enes a partir do *Eclesiástico*.

De facto, a Ciência é sempre uma aurora de progresso, tanto mais sentida nas circunstâncias históricas pré-autonómicas vividas após o 25 de Abril. Isto é fundamental: foi a Revolução (em sentido lato) que permitiu aos Açores fazerem determinadas exigências. O General Altino Magalhães, presidente da Junta Regional, sentindo essa pressão, instou junto do então ministro da tutela da Educação, Major Vítor Alves, seu antigo aluno, no sentido da criação do Instituto Universitário dos Açores (Dec. 5/76, de 9 de Janeiro). Assim, a Universidade, posto que também ao serviço do desenvolvimento autonómico, é anterior à instauração do Governo Regional, que é de Setembro de 1976, e não foi criação deste.

Aliás, a Universidade (ainda só Instituto Universitário) vinha substituir a Escola Normal Superior, inaugurada pouco antes da Revolução, pelo ministro Veiga Simão, do Governo de Marcelo Caetano. Substituir... uma oitava acima! Dar corpo a velhas aspirações de ensino superior... aproveitando a oportunidade. A Universidade Católica chegou a pensar instalar-se nos Açores, mas talvez o mercado não fosse suficientemente vasto. Era, de facto, um risco. E onde localizar-se, face a pressões bairristas, que surgem sempre?

A Universidade dos Açores tem assim um carácter messiânico, olhada como portadora de ciência para promover progresso e desenvolvimento. Depressa, de imediato, uma “galinha de ovos de ouro”...?

– “Para quando uma universidade *ao serviço da Região?*” – perguntavam insistentemente muitos jornalistas até bastante tarde. Não se via que bastava o facto de passar a existir uma universidade na Região para ser prestado um serviço. Mal percebendo que a ciência, o espírito de investigação e o espírito crítico levam tempo a formar-se e a dar frutos, confundindo por vezes ciência *pura* com ciência *aplicada*, havia quem olhava a universidade como um refúgio elitista, uma “torre de marfim”, um corpo estranho e quase inútil! Ou pior: uma instituição “rebelde”, integrada no sistema nacional de ensino superior universitário, vínculo que José Enes acautelara. A sua ideia era a de que a universidade tinha como missão fundamental “cientificar” o desenvolvimento, de acordo com certos princípios e certas prioridades: agricultura, luta biológica, produção animal, recursos do mar, formação de professores, ciências da educação, a História, a Sociologia, a Economia, todos os estudos que contribuíssem para o progresso da – dizia – “pequena sociedade insular”.

Era uma nebulosa de conhecimentos, à qual emprestava o peso do seu saber exercido no Seminário de Angra (recordem-se a Revista *Atlântida* do I.A.C. e as Semanas de Estudo nos anos 60). Era porém necessário pôr ordem nesse conjunto cruzado de saberes e de intenções e dar-lhe expressão institucional de forma a ser a universidade credivelmente vista como *par* de outras universidades então ditas “novas”. Era preciso sair das fases primeiras de longas reuniões, “jornadas” de reflexão que mais pareciam “retiros” de educadores e de formadores. Era preciso acabar com a “dança” de currículos e de planos de estudo, cada dia renovados ou alterados. Hesitações construtivas, mas hesitações... Também havia com frequência novos convidados ou visitantes – de outras universidades, do Ministério ou outras instituições nacionais ou estrangeiras. Alguns portadores de ideias evidentes...

Um dia fomos visitados por M. Mermhoz (?), de Paris, defendendo que as crianças deviam sair dos muros da escola cidadina e ver, por exemplo, os animais do campo... Explicámos pacientemente a M. Mermhoz que nos Açores esse problema não se punha, pois mal abordássemos um muro veríamos uma vaquinha...

Havia alguma reserva no confronto com as grandes universidades, por causa das sequelas do P.R.E.C. e da insistente tendência marxista de programas de cadeiras. A sociedade insular não estava preparada para enfrentar a luta ideológica, mas a verdade é que se tornava necessário importar, devidamente expurgados ou “purificados”, os modelos das “velhas” universidades, por nelas ainda ensinarem professores de reconhecido prestígio. Era preciso a experiência de um Ministério habituado a “governar” mas também a respeitar a autonomia de pensamento das universidades. Era preciso que o Reitor da Universidade dos Açores se sentasse no Conselho de Reitores (CRUP), sentindo-se “igual” aos outros Reitores. Era preciso ter interlocutores com experiência de ensino em universidades... Esta visão “por dentro” era fundamental para a credibilidade de uma instituição nascente.

Uma ajuda significativa veio do Ministério e de algumas Faculdades. Um bom conselho e um bom contacto valem mais do que um protocolo formal. O desejo sincero de prestígio deve sempre sobrepor-se às aparências. As instituições devem começar por fazer-se *por dentro*.

Não nos perguntavam “que cursos querem fazer”, mas “quem é que vocês têm lá”. Um antigo “bom aluno” era uma garantia de apoio do seu antigo professor.

É justo destacar aqui as ajudas que do Ministério deram o sr. Duarte Silva, a Dra. Maria da Luz Alexandrino, o Dr. Afonso Costa. De não esquecer ainda as visitas do Dr. Carmelo Rosa e o apoio fundamental (antes e depois como Ministro) do Eng. Roberto Carneiro.

Não houve “centralismo” no mau sentido no fazer inicial da Universidade dos Açores. Contactámos quem quisemos, nas instituições que quisemos, quando precisámos. Ninguém “colonizou” ninguém. Aliás tivemos a cautela (ciências ou letras) de contactar e “convidar” pessoas e não instituições. Sabíamos os riscos, mas também sabíamos onde estavam as pessoas certas que acreditavam em nós.

Este ambiente “corporativo” e este desejo sério de criar discipulatos foram decisivos para a construção da credibilidade da Universidade dos Açores.

3. Perante o projecto de criação de um Centro de Estudos Açorianos, pensei eu e Teodoro de Matos (também recém chegado de Lisboa) que seria mais *universitário* instituir áreas científicas como História, Filosofia e Ciências Sociais, Línguas e Literaturas Modernas, que permitiriam não só ensinar e formar quadros, como debruçar-se sobre matéria açoriana, com efeitos no ensino e na investigação. Seria uma estrutura mais “clássica” e prestigiante. Eu tinha sido docente da Faculdade de Letras de Lisboa e mobilizaria os meus conhecimentos. Teodoro de Matos também tinha os seus. O projecto encontrou algumas resistências, mas finalmente conseguimos a adesão do então Vice-Reitor Prof. Doutor Gustavo de Fraga e do Reitor Prof. Doutor José Enes. Este deu-nos carta branca para contactos e prometeu abrir caminho no Ministério. Assim foi. E quando o Instituto Universitário passou a Universidade (25 de Julho de 1980) tinha já uma “atitude” e um *facies* de “velha” Faculdade numa estrutura departamental mais adequada à sua pequena dimensão institucional.

Foi assim que surgiram os cursos de Licenciatura de História e de Línguas e Literaturas, nas duas versões: currículo pedagógico integrado, regime semestral, com estágio incluído, duração de cinco anos, conhecida pela Licenciatura “Pedagógica” (Formação de Professores); Licenciatura “Científica”, regime de cadeiras anuais, quatro anos, igual à ministrada nas Faculdades de Letras. Havia correspondência entre os regimes. Exemplos

Licenciatura “Científica”: Fonética e Morfologia do Português (anual) =
=Licenciatura “Pedagógica”: Linguística Portuguesa I e Linguística Portuguesa II (dois semestres).

Os professores eram os mesmos. Houve também que recorrer a professores visitantes, o que foi bom para os alunos e para expansão do conhecimento da Universidade dos Açores. O actual Presidente da República Cavaco Silva deu aulas no Departamento de Economia e Gestão. Muitos professores circulavam nos Açores, dando cadeiras, fazendo conferências (abertas ao público e noticiadas), orientando assistentes que pertenciam à Universidade dos Açores. A seriedade deste ensino e destas actividades valeu o que valiam as personalidades envolvidas que decerto queriam, aliás, deixar boa imagem e fazer currículo.

Quem poderia dizer que um objectivo universitário *não* estava ao serviço dos Açores? Era esperar pelos frutos de uma *cultura* universitária.

E os livros e teses publicadas, as conferências e congressos e respectivas Actas? (veja-se meu artigo supracitado). E a mudança de mentalidades que vem (sempre) com a promoção de uma cultura universitária? Não é um “investimento imediato”. É uma transformação em profundidade.

Para as Letras e para as Ciências esta “*viragem*” foi muito importante e contribuiu para a credibilização da “nova” universidade. *Sicut aurora* – havia nos Açores uma universidade que se parecia às grandes universidades do país! Os Açores não mereciam menos. Fronteira mais ocidental de Portugal e da Europa, estas ilhas deveriam, a nosso ver, ter um baluarte universitário da Cultura Portuguesa. A sua localização e inserção no meio garantiam o estudo, o interesse pela história da sociedade insular e pelas potencialidades tecnológicas das ilhas. Mar, terra, gentes, arte, etnografia, arquitectura, expressão estética (pintura, literatura, etc.) – nada é alheio ao espírito verdadeiramente universitário. A universidade ficaria então *ao serviço* dos Açores – como ficou. Escrevi uma vez algures que “uma universidade é um estado de espírito”. Também precisa de dinheiro. Não funciona sem este. Mas também não funciona sem aquele... Não é só de legislação e de reformas no papel que as universidades precisam. Nem é só de dinheiro. É de uma *alma* própria e de muito bom senso.

4. Quando, já Reitor, passei a ir às reuniões do CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) as reuniões passaram de Lisboa para o Porto (regime de rotação). Era o Reitor mais novo. Tinha mesmo sido aluno do Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor Luís António de Oliveira Ramos, quando este fora assistente na Faculdade de Letras de Lisboa.

Senti que de algum modo estava “debaixo de olho”. Será que ele “mistura” autonomia política regional com autonomia universitária? Será que tem a ideia de ter “ideias originais”?

O “período probatório” foi breve. Fui bem tratado e bem recebido. A Universidade dos Açores era aceite de pleno direito como parte do sistema nacional de ensino superior, num tempo em que ainda a tutela era dupla (Ministério e Governo Regional). O CRUP passou a reunir também nos Açores, tendo-o feito nos três pólos universitários.

A Universidade tinha também ela passado o seu “período probatório” e tinha-se afirmado no contexto nacional. Até mais conhecida *fora* do que *dentro*. Indispensável, em linguagem inter-universitária: a credibilidade.

O efeito desmultiplicador de uma boa tese, de um bom projecto ou de uma boa decisão é enorme: esse bom efeito passa de geração. Pode modificar-se, mas na raiz está essa arrancada de qualidade que é sempre uma aurora do conhecimento. A riqueza ambiental e a densidade histórica dos Açores inspiram e sugerem abordagens universitárias. *Crescit eundo*. Vai crescendo com o andar do caminho. Todos os campos do saber podem ser úteis. Relação, abertura, transversalidade são apanágio do espírito universitário. Não só no “imediatamente útil” mas no “bem visionado” à distância. Uma Universidade é um instrumento com muita *força*. É um “cartão de visita” universal. Por isso, quando concorri às eleições para Reitor em 1991, pus no opúsculo de apresentação de programa o lema A Universidade, a Universalidade dos Açores. É uma instituição que torna os Açores mais *universais*, numa região a mais ocidental e atlântica da Europa. Não é esta uma mais valia que todos os governos devem ter em conta? Para uma auspiciosa *aurora* que se deve renovar para não chegar a crepúsculo?

5. Foi fundamental a aprovação dos Estatutos da Universidade. A 1.^a versão foi entregue pelo Reitor Prof. Doutor José Enes ao Secretário Regional da Educação, Dr. José Guilherme Reis Leite, e à Direcção Geral no Ministério da Educação (ainda por razões de competência dos dois Governos, da República e Regional, em relação à tutela da Universidade).

O Estatuto *definitivo* fi-lo aprovar, já como reitor, em 1990, e assim consegui *instalar* a Universidade (antes o Reitor era presidente de uma Comissão Instaladora). Foi um acontecimento fundacional muito importante, selando, em termos jurídicos nacionais, o reconhecimento da Universidade dos Açores, que precedeu a da Madeira e outras, ficando a ser, no CRUP, a nona Universidade nacional.

Mas o texto da proposta do Estatuto levou quase um ano lectivo a ser discutido na Assembleia da universidade. Ainda por sequelas do PREC e por uma quase verdadeira “paranoia democrática”, queria-se Conselhos para tudo, mesmo que só consultivos! Creio que cerca de 17 órgãos de reunião na totalidade! Foi preciso deixar falar, falar, falar! Foi preciso paciência e bom senso de muitos. Mas foi um esforço decisivo. Aprendi muito. Mas conseguiu-se fundar a Universidade! Conseguimos todos. A Universidade é obra colectiva: do Reitor, dos docentes, dos funcionários, dos estudantes que lhe dão “alma e razão de ser”. Não existe só para “formar quadros”, mas mobilizar *gente*: pessoas, intelectos, cidadãos. É preciso sair a porta da Universidade sem nunca sair do seu espírito. Tem de se ficar “diferente” sem arrogância: ser curioso, interrogante, interessado, tolerante, disponível, aberto à validade de qualquer saber que não seja o do “nosso curso”, e com vontade de intervir. O triste é que, em face de uma crise, *não aconteça nada!* E, já agora, a saber *escrever e falar...* Saberes “hiper-especializados” para quê, *se não* se souber falar de mais nada?...

6. Um alto funcionário do Banco Mundial, em visita à Universidade dos Açores após o incêndio (de causas nunca apuradas) da Reitoria (1989), ao apreciar a situação, disse-me:

– “O sr. Reitor tem a Universidade mais cara da Europa. Que pensa fazer?!”

– “Nada”, disse-lhe eu: Fazê-la”

Fazer a Universidade. Mesmo com a discutível *tripolaridade*. Claro que na dimensão demográfica dos Açores uma Universidade *concentrada* seria mais facilmente gerida e traria maior intercâmbio cultural entre os estudantes. Mas a identidade das três cidades e o seu desejo de ter também os benefícios da Universidade justificavam a tripolaridade. Algumas subdivisões foram repetitivas! Às vezes poder-se-ia quase pensar que se criaram áreas e cadeiras para pessoas e não pessoas para as áreas! Mas depois de décadas e pessoas e interesses instalados, não é viável corrigir... Os Açores são os Açores que temos e herdámos de uma experiência histórica única e não os que os peritos economistas idealizariam para modelo...

Ou querem meter os habitantes do Corvo num hotel de quatro estrelas e “fechar” a Ilha? Ou fechar a Universidade e dar bolsas para o Continente? Ou ligar as Universidades dos Açores e da Madeira com um *Academic Boat* para as viagens administrativas? Bom senso, acima de tudo!